

ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL: NOVAS ABORDAGENS MODIFICANDO A EDUCAÇÃO

Eliana Figueiredo da SILVA

Prof. Mcs. José Luciano Aires de Queiroz (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba

Considerando a multiplicidade de documentos possíveis de serem utilizados pelo pesquisador/professor de história, preferimos utilizar a música de Jackson do Pandeiro como recurso para ensinar a história de Campina Grande, com o objetivo de usar novas linguagens no ensino básico. Escolhemos três músicas para tratar questões específicas: “*ALÔ ALÔ CAMPINA GRANDE*” para perceber a modernização e as festividades campinenses; “*FORRÔ EM CAMPINA*” para perceber a saudade, perda imaterial e simbólica, e; “*FORRÔ DE ZÊ LAGOA*” para compreender o conflito social nesta época. Para tanto, nos apropriamos, metodologicamente, dos trabalhos de Silêde Cavalcante, Fábio Gutemberg Sousa e Antônio Clarindo Souza sendo os dois últimos e Durval Muniz, para o conceito de saudade Circe Bittencourt para as novas metodologias do ensino de história, fundamentadores teóricos deste trabalho. Para compreender o contexto em que se insere a música popular de Jackson do Pandeiro buscamos principalmente em José Tinhorão. A fonte das músicas trabalhadas foram *SITES* e CD sem maiores referências. Concluímos que a “música popular” é uma fonte rica para a pesquisa e produção de materiais didáticos pelo professor/pesquisador e que a música de Jackson do Pandeiro pode ser muito reveladora da cultura e da sociedade da cidade se e problematizada de acordo com os métodos da pesquisa histórica de maneira que possa ser bem aproveitada como recurso didático na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: História local; Música; Jackson do Pandeiro.

Neste artigo, pretendemos abordar o uso da música de Jackson do Pandeiro no ensino da história local de Campina Grande, no período de 1930 a 1950, como um novo recurso didático possível de ser utilizado na sala de aula a partir de uma oficina de aula realizada na disciplina de Prática III ministrada pelo professor Luciano Queiroz, da UEPB. Nosso principal objetivo é mostrar a metodologia pela qual é possível utilizar este novo recurso, no caso, através da história da cidade. A música popular transformada em objeto de investigação pelos historiadores, é sempre preferida para a pesquisa porque nela ficam registrados momentos da história do país, ficam impressos acontecimentos muito reveladores da vida social e da cultura do povo, tal é sua importância como documento histórico.

E, em se tratando de música popular devemos aqui expressar um pouco da problemática que cerca esse universo. De acordo com Vasco Mariz, (2002, p.265-271) crítico de música e autor de alguns títulos sobre o tema, a música popular precisa ser

“protegida das influências” externas que acabam por “degenerar” sua qualidade original. Uma questão é que toda tentativa de essencialização e de delimitação leva ao que se pode chamar de um certo tipo de “erudição” no sentido de limitar o acesso a determinada forma de arte no caso a “música popular”. Ela também é fruto de tensões sociais; quando a classe burguesa passa a classificar a música que produz como erudita, as outras formas musicais tornaram-se populares. O fato é que não se pode determinar a quem pertence à música popular. Ela, assim como todos os outros signos de cultura populares, não pertence a ninguém, pois o lugar do popular é um lugar promíscuo tocado por todos que transformam e são transformados por ele. Essa “promiscuidade popular” levou esse tipo de música a ser apropriada pela indústria cultural e a ser transformada em produto e essa sim é uma influência que podemos chamar de “degeneradora” da música por quê transformando-se em mercadoria ela perde qualidade artística. É o poder do capital que, através da indústria fonográfica tem decidido que tipo de música será consumida. Mas nem tudo está perdido! Diante da popularização dos meios de comunicação, principalmente da internet, onde músicas são vendidas por preços ínfimos ou “baixadas” gratuitamente, a música pode estar salva da guilhotina da indústria fonográfica porque esta sim está condenada à morte. Mas como somos historiadores e não futurólogos, deixemos o tempo e a vida mostrarem os caminhos que a música popular irá percorrer.

A música popular, todavia, nada seria sem o rádio. Este chega ao país em 1920, mas só nos anos 1930 é que se consolida proporcionando uma transmissão tecnicamente adequada. Vale salientar que a música contribui para que o rádio se torne popular alterando de vez o estado psicológico dos ouvintes, transformando radicalmente a percepção de mundo e a cultura dessas pessoas. (SEVCENCO. 1998, p. 587- 588)

Percebendo o potencial da radiodifusão é que Getúlio Vargas se apropria da música popular para divulgar de forma massiva, seus propósitos políticos tornando “unânime” sua política. A música popular no Brasil também esteve a serviço da exaltação a pátria de acordo com a política nacionalista em vigor durante o Estado Novo e continuou sendo usada posteriormente, no período dos militares, com este mesmo propósito. Felizmente, nem tudo é perfeito, e nesse mesmo momento aparecem também os que usam a música para protestar, sempre censurado, valendo-se de metáforas para dizer o que pensavam.

É por essas e outras que a música é um excelente recurso didático, capaz de contribuir para ampliar as visões de mundo dos alunos, através dos mais variados tipos

de representações, sendo um documento histórico possível de ser transformado em material didático com a vantagem de incluir na produção desse material os saberes dos alunos. No caso da disciplina de história, apropriação de novos recursos se deu a partir da História Social Inglesa voltada a novos objetos e novas abordagens teóricas que passaram a ver na arte como um todo, assim como na música, na festa, nos usos e costumes, potenciais objetos de pesquisa. A música passou então a ser um recurso muito utilizado na sala de aula por expressar a própria vida, cultura e tensões sociais. Mas a grande questão é: Como interpretar a música como texto? Para isso o professor precisa ter muito claros os objetivos de sua aula, para que ela não seja perdida na alegria coletiva que a música trabalhada pode gerar na sala de aula. Tendo claros seus objetivos, o professor pode somar ao inevitável divertimento da aula musicais questões importantes que levem o aluno a refletir sobre o conteúdo dado de maneira que se torne crítico e atento à variadas formas de discurso. O propósito da aula deve ser perceber o contexto social no qual a música foi criada e, para tanto, o método de análise é fundamental. A música deve ser analisada interna e externamente. Na análise interna, devem ser observadas letra e música juntas, e na análise externa é necessário que se observe como foi produzida e para que público é direcionada (BITTENCOURT,2004,p.379-382). Somente através das leituras metodológicas e historiográficas além do domínio da história da música, o professor poderá dar uma aula suficientemente satisfatória com esta nova linguagem musical.

Sendo assim, optamos pela música de Jackson do Pandeiro para trabalhar a história local de Campina Grande a partir dos conceitos de modernização e festividades; da saudade, sentimento de perda imaterial e simbólica; e de conflito social, algumas das músicas de Jackson que retratam Campina Grande, expõe nitidamente as transformações sócias, políticas e econômicas ocorridas nesta cidade entre 1930 e 1950 tanto em âmbito público quanto privado, retratando as práticas de lazer e divertimento narrando sobre personagens reais com riqueza de detalhes. E assim como ele preferia cantar o “Outro”, iremos preferir olhar para o “Outro”, buscando entender como se constituíam suas práticas de sociabilidades e suas artes de saber/fazer tais festividades e tensões sociais decorrentes delas.

Para entendermos a musicalidade de Jackson do Pandeiro precisamos conhecer o lugar social dele para podermos entender as contingências histórico sócias que contribuíram para a construção de sua vida artística. Jackson ou, José, seu nome de batismo, nasceu em Alagoa Grande e ainda adolescente mudou-se para Campina Grande

onde teve contato com emboladores de côco e cantadores de viola na Feira de Campina . Também teve contato com o cinema e foi influenciado pela cultura norte-americana, influência esta que lhe deu inspiração para seu primeiro nome artístico: “Jack” por ser admirador do ator Jack Perrin. Musicalmente, ou melhor, ritmicamente teve influências múltiplas: De sua própria mãe, Flora Mourão que era cantora de côco, dos forrós que freqüentava quando era adolescente, dos sambas cariocas com os quais teve contato no Rio de Janeiro, e da própria música norte-americana, mais precisamente do Jazz e do blues, estilos de música negra, popular e urbana que se completam pelo ritmo bem demarcado e pela improvisação. Foi trazida dos EUA pelo cinema e pelo rádio e invadira o Brasil, na primeira metade do século XX, através da indústria fonográfica que buscava novos mercados consumidores, e que desaguariam na Jovem Guarda. Mas isso é outra história...

Na adolescência, em Campina, Jackson Viveu a realidade da Feira de Campina Grande, chegou a trabalhar como entregador de pães e pode participar das festividades que lá ocorriam; logo depois, deixou o trabalho e foi ser baterista no Clube Ipiranga, um dos lugares mais tradicionais onde ocorriam festividades de todo gênero e que depois viria a ser cantado por ele. Em seguida, formou uma dupla com José Lacerda e adotou o nome de Jack do Pandeiro, mas a partir de 1940, começou a saltar de capital em capital: João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro, já trabalhando como músico e intérprete com o codinome de Jackson do Pandeiro. Tendo sido freqüentador dessas festividades, este nosso artista nasceu das vivências de Campina Grande onde passou boa parte de sua juventude. E foi a partir dessas vivências que Jackson construiu suas que representam e até mesmo retratam a cidade inventando Campina.

Iremos adentrar nesse universo de representações e invenções através de três de suas músicas, “Forró em Campina”, composta pelo próprio Jackson, “Alô Alô Campina” e “Forró de Zé Lagoa” de Rosil Cavalcante. Estas músicas foram escolhidas necessariamente por falarem de Campina de forma real e/ou imaginária, mas sempre inventadas por Jackson e pelo seu universo musical. Antes de analisarmos as músicas é importante percebermos como parti da análise do recurso música a própria música das canções (aqui entendidas como a letra das músicas) escolhidas. Não é preciso ser músico para pôr os ouvidos atentos e analisar o que se ouvi. Nas músicas selecionadas é possível ouvir instrumentos básicos do ritmo do forró como o zabumba e o triangulo e a sanfona, o que demonstra certo tradicionalismo, entretanto a música muito ritmada e com arranjos mais complexos, inspirados nas influências já vistas, retira a imagem

sonora do ouvinte rapidamente daquele universo tradicionalista de repetições compassadas, típicas do forró, e o coloca em contato com algo de novo, com um novo universo de ritmos frenéticos somente comparáveis aos da vida moderna nas cidades.

Podemos agora trabalhar as canções propriamente ditas. Vejamos “ Alô Alô Campina Grande”

Alô alô minha Campina Grande,
quem te viu e quem te vê
não te conhece mais
Campina Grande tá bonita, tá mudada
muito bem organizada e cheia de cartaz

Recebe turistas, o ano inteirinho
a seus visitantes, trata com carinho
quem vai a Campina, pede prá ficar
tem muitas meninas prá se namorar
e se amarra nas garotas e não sai mais de lá
ô não sai mais de lá, ô não sai mais de lá
quem visita Zé Pinheiro não sai mais de lá
ô não sai mais de lá, ô não sai mais de lá
quem dançar no Ipiranga não sai mais de lá
ô não sai mais de lá, ô não sai mais de lá
É, quem dançar nos Caçadores não sai mais de lá

Nessa música, os alunos foram incentivados a observar letra e música e puderam destacar elementos como o bairro de *Zé Pinheiro* citado na música assim como o *Clube do Ipiranga* e dos *Caçadores* e as próprias “*garotas*” e o fato de Campina “*tá mudada, muito bem organizada*”. Com esses elementos é possível trabalhar as idéias de modernização e festividades. Para trabalhar a idéia de modernização pode-se contextualizar com a política higienista vigente na época em que Jackson iniciou sua carreira musical em Campina, nos anos 1930. Em frases da música como “*Campina Grande tá bonita, tá mudada, muito bem organizada e cheia de cartaz*”, revela a modernização da cidade a partir da política higienista de Verniaud Wanderly, o que

também está expresso na frase: “*recebe turista o ano inteirinho, ao seu visitante trata com carinho*”, nesse mesmo contexto político houve uma preocupação de urbanizar a cidade tornando-a atrativa para turistas o que fica historicamente identificado com a construção do Grande Hotel na esquina das principais ruas construídas por Nestor Figueredo, urbanista convidado para a reforma de Campina Grande, a Floriano Peixoto e a Maciel Pinheiro. (SOUSA, 2003.p.2) A política modernizadora da época tinha por objetivo construir o cenário de uma cidade moderna e de relevância para a economia nacional.

Para trabalhar a idéia de festividade pode-se utilizar frases da música tais como: “*e se amarra nas garota [sic](...),se tomar cachaça boa (...), se passa no Ipiranga (...), se passar nos Caçadores, não sai mais de lá*”. Nestas frases, é possível verificar de que maneira Jackson inventa a cidade a partir da sua visão particular sobre ela, constrói Campina como um lugar de divertimento, mesmo sendo esta prática mal vista pelas autoridades policiais e jurídicas locais por serem contraproducentes de acordo com a ideologia modernizadora. Esses trechos da música, mostram mais do que o lugar de divertimento do “outro”, mostram ainda a convivência entre as práticas aceitas como corretas, modernas, educadas, higiênicas e urbanas, com as práticas criminosas sujas e de mau gosto, do “outro”, os populares de Campina, mesmo assim essas práticas persistiam à revelia das autoridades policiais. A frase que mais se repete na letra da música é “*não sai mais de lá*” o que expressa quanto prazer seria possível sentir nestes locais de festa. Contudo, Jackson exalta a cidade tanto na porção modernizada, no centro da cidade, quanto na periférica, os bairros marginalizados, demonstrando a frágil divisão entre as duas realidades. Na música “*Forró em Campina*”.

1.

Cantando meu forró vem à lembrança
O meu tempo de criança que me faz chorar.
Ó linda flor, linda morena
Campina Grande, minha Borborema.
Me lembro de Maria Pororoca
De Josefa Triburtino, e de Carminha Vilar.
Bodocongó, Alto Branco e Zé Pinheiro
Aprendi tocar pandeiro nos forrós de lá.

Os alunos após ouvirem, destacaram os bairros citados e questionaram sobre as mulheres. Para explicar sobre os bairros e sobre as mulheres, *Maria Pororoca, Josefa Triburtino e Carminha Vilar* também citadas foi preciso analisar internamente a música adentrando nos conceitos que ela sugere. Nessa canção a idéia de saudade “*lembrança (...) que me faz chorar*” aparece muito forte mas, para tornar palatável para os alunos este conceito, é possível explicá-lo através da idéia de perda imaterial e simbólica proporcionada pela modernização da cidade que destruiu além de prédios, representações coletivas daquelas comunidades. Voltando aos bairros e as mulheres podemos verificar, mais uma vez, as práticas de lazer, e, por quê não de prazer, sendo evidenciadas por Jackson pois nesses bairros especificamente, aconteciam forrós muito frequentados pelos populares, sendo uma prática do “outro”, como foi dito anteriormente, e as mulheres são parte dessa cultura de lazer/prazer em Campina Grande. Eram prostitutas mal vistas pela moral e conduta vigentes por não trabalharem de maneira “correta” com horário, salário e obrigações. (SOUZA,2005,p.219) A última música escolhida foi “*Forró de Zé Lagoa*”.

Se voce não viu Vá vê que coisa boa
Em Campina Grande o forró e Zé lagoa
As oito horas Zé do Beco o sanfoneiro
ascende o candieiro e dá as ordens a Juvenal
Seu Zé Melado o Cantor toma a primeira
e começa a brincadeira com respeito e com moral
Tem mulher boa do bairro do Zé pinheiro
tem os cabra do Ligeiro tudo armado de punhal
No reservado se vende boa Cachaça
Mariquinha dá de graça tira gosto especial
As dez e meia corre gente no terreiro
se não é Cabo Vaqueiro é o Cabo Boca Mole
revista o povo toma um saco de peixeira
prende mulher arruaceira
vai lá dentro e toma um gole
Mete o cacete com mais de nove soldado s

Cabra frouxo amedontado
Lá num canto nem se bole
E Zé Lagoa que era o dono do forró
nem fez trança nem deu nó
Apanhou que ficou mole.

Depois de ouvirem a música os alunos foram questionados sobre o que puderam observar e destacaram três principais pontos: “*os cabra do ligeiro tudo armado de punhal*”, “*Mariquinha dá de graça tira gosto especial*” e “*revista o povo toma um saco de peixeira, prende mulher arruaceira*”. Essa canção, um pouco diferente das outras é um todo narrativo de uma situação que se não foi, poderia ter sido real. Com ela é possível trabalhar a idéia de conflito social. Num famoso forró da cidade a polícia chega para reprimir os “maus costumes” daquele tipo de festa. O uso da violência parece ser comum naquelas práticas de repressão. De acordo com os pontos levantados pelos alunos podemos observar “*os cabras do Ligeiro*” que nesta situação representam outro dentro dos próprios limites dos bairros populares, aqui eles são os que vem de fora “badernar” a ordem interna e as regras de conduta do próprio bairro. Já na frase que relata a atitude da personagem “*Mariquinha de “dá de graça tira gosto especial*” fica insinuada a intensa atividade sexual que ela poderia ter nesse ambiente sendo esta promiscuidade uma atitude que deveria ser fortemente reprimida pela polícia. E as atitudes dos personagens *Cabo Vaqueiro* e *Cabo Boca Mole* sintetizam a idéia de conflito social que se dava exatamente quando a força policial era exercida nesses bailes. Essa repressão burlava as regras de conduta e convivência internas dos bairros populares “*Seu Zé melado o cantor toma a primeira e começa a Brincadeira com respeito e com moral*”. Entretanto, o conceito de conflito social não pode ser entendido somente a partir das confusões que aconteciam nestas festas. Deve ser entendido em âmbito macro, numa situação de imposição de valores modernos a uma sociedade com valores historicamente construídos. Dessa maneira o conflito social é parte de um processo de adaptação desses novos valores ao cotidiano com limites muito superficiais sendo as festividades um expoente desses conflitos.

Estas músicas foram propositalmente escolhidas por permitirem trabalhar três conceitos muito relevantes no contexto da história local e da cultura popular de Campina Grande. São os conceitos de modernização e festividade; de saudade, neste

artigo interpretado como sentimento de perda imaterial e simbólica; e conflito social. Deve-se levar em consideração que esta é apenas uma experimentação de como a música de Jackson pode ser utilizada como recurso didático e as análises dos conceitos são ainda incipientes. Para os alunos os conceitos observados na música devem ser tornados de fácil entendimento pela impossibilidade que eles têm em compreender conceitos mais complexos da história. Outro ponto importante a ser considerado é o fato de Jackson do pandeiro não ter sido autor de todas as músicas, entretanto podemos assegurar que ele foi partícipe do universo cultural que possibilitou a realização de tais músicas.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE jr.: Durval Muniz de A Invenção do Nordeste e Outras artes. Recife: FJN / Ed. Massangana; São Paulo: Cortez. 2006.

BITTENCOURT. Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos – São Paulo. Cortez. 2004 – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental / Coord. Antônio Joaquim Severino. Selma Garrido pimenta).

CAVALCANTI. Silêde Leila Oliveira. Campina Grande Patriarcal a Campina Burguesa. IN: GURJÃO Eliete Queiroz (org.) Imagens multifacetadas da História de Campina Grande. João Pessoa – PB: A União. 2000.

FRÕES, Marcelo. Jovem Guarda: em ritmo de aventura. São Paulo: Ed. 34., 2000.

MARIZ. Vasco. A Canção Popular Brasileira. 6ª.Ed. Francisco Alves AS. 2002.

MONTEIRO, Manuel. Maria Garrafada: Mestra do amor, pecadora e santa. Literatura de Cordel. 2ª ed. Campina Grande 2004.

SEVECENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: Ritmos e Ritos do Rio. IN: História da Vida Privada No Brasil. (coord.) Fernando Novais A. São Paulo: Companhia das letras. 1998.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. Et al. Arrochar titela Chambrear e Criar um Furdunço: Divertimento e tensões sociais em Campina Grande (1945 – 1965). IN: Paraíba no Império e na República: Estudos de História Cultural e Social – 2ª ed. João Pessoa. Idéia. 2005.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. Campina Grande: Cartografias de uma Reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930 – 1945) Revista brasileira de História. VL 03. São Paulo. 2003. Disponível em www.scielo.br. Acesso: 20/04/2008.

TINHORÃO, José Ramos, música popular: um tema em debate. 3ª. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Ed.34, 1997.

_____ História social da música popular brasileira. São Paulo. Ed.34, 1998.

CD:

PANDEIRO. Jackson do. **Músicas**: Alô Alô Campina Grande, Forró em Campina e Forró de Zé Lagoa.